

# Governo promete remoção eficaz

*Só as pequenas invasões estão sendo retiradas. Em seis meses, o SivSolo demoliu cerca de dois mil barracos*

Para erradicar os mais de dez mil barracos que ainda estão espalhados pelo o Distrito Federal, o governo tenta uma nova estratégia. Demorada, mas acredita ser mais eficaz. "Se fosse para entrar com um trator rasgando era fácil acabar com as invasões. Mas não é assim que se trabalha com pessoas", ensina o subsecretário Herman Barbosa, da Subsecretaria de Coordenação das Administrações Regionais (Sucar). "Não adianta fazer erradicação total, sem implementar a geração de empregos e o programa de moradia." É por esse novo rumo que o governo pretende enveredar na determinação de acabar com as invasões.

"Todas serão removidas. Mas, no momento certo. E resultado de uma ação integrada", garante Herman. Essa ação passaria com a liberação de recursos para a compra de passagens, a distribuição de lotes e de moradias populares. O rescaldo das derrubadas, na visão do governo, seria o grupo dos que não têm direito a lote, nem condições de pagar aluguel, nem quer ir embora do DF. A aposta para eles é a política de geração de empregos. "Será uma remoção mais lenta, mas eficaz", profetiza Herman.

Por causa do ritmo lento, a impressão de que os invasores foram esquecidos. O ritmo das derrubadas diminuiu sensivelmente. "Só estamos removendo as pequenas invasões, de 30 a 40 barracos. Ou as que surgem de uma hora para outra", explica o gerente do SivSolo, coronel Jair Tedeschi. De 19 de janeiro até 18 de julho foram demolidos cerca de dois mil barracos e recolhidos 80 mil metros arame farpado.

A conseqüência não poderia ser pior. Eis o exemplo. A Estrutural cresce. Desde janeiro, cerca de 800 novos barracos surgiram no meio da poeira. Os novos invasores foram atraídos pelos postes de energia elétrica que a Companhia Energética de Brasília começou a fincar nas ruas esburacadas no começo de junho.

Outro atrativo é o suspense. Até agora, todas as autoridades do Palácio do Buriti empurram qualquer declaração sobre o futuro da Estrutural para o governador. E o governador também se esquivou do assunto. Fica então a dúvida para a população do Distrito Federal e a esperança para o invasor que chega.

## ARRISCAR TUDO

Justamente a esperança que levou o vigia desempregado a sair do Paranoá, onde mora de aluguel com a família. Na quinta-feira de manhã, Justino Wanderley Alcântara Alves, 37 anos, usava uma cavadeira para furar buracos e armar o barraco. "A gente tem que arriscar tudo. Aqui parece que vai dar certo", comenta o mineiro de Coração de Jesus, pai de quatro filhos. O servidor público Ederson Pereira, 30 anos, também é invasor recente. Chegou no final do ano passado, logo que soube da vitória de Roriz.

Só anda meio desiludido com a numeração dos barracos, trabalho que está sendo feito por funcionários do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab). "Pararam de numerar os barracos novos. Agora estão só colocando ID. Marcando os barracos para derrubar. Isso é ilegal. Estão contando tempo de invasão e não tempo de Brasília", reclama o morador da quadra 14, onde há dezenas de barracos novos.

E é justamente o que o SivSolo deve fazer. "A invasão da Estrutural não está descontrolada. Sabemos muito bem quem são os invasores novos e os velhos. Todos os barracos novos serão retirados", avisa o coronel Jair Tedeschi, gerente do SivSolo. "Acho que derrubar é errado. Estou há doze anos no DF esperando um lote. E só por que sou nova na invasão vão me tirar daqui?", reclama a baiana Maria Anita Santos, 48 anos, que está há seis meses construindo um barraco de madeirite na favela.

Tem muito trabalhador sem moradia nas invasões. Gente que tem coragem e dignidade de ir à luta para alimentar os filhos. Mas os aglomerados de barracos não escondem os oportunistas, que usam a miséria como cenário para conseguirem um lote fácil. Esses amontoados humanos também servem como esconderijo de bandidos.

"Sou vendedor ambulante. Vendo feijão, fubá e até fitas casete, de bicicleta. Vim para a invasão porque não tenho para onde correr. Não acho emprego e não posso pagar aluguel", diz Josimar Oliveria da Silva, 31 anos, enquanto varre a porta do barraco na quadra 519, em Samambaia.

Tudo no barraco é limpo. A geladeira vazia, só com duas

Fotos: Raimundo Paccó



Maria do Socorro espera por um lote definitivo num dos mais de 10 mil barracos que resistem à ação do governo em várias invasões do DF

garrafas d'água, mas impecável. Roupas arrumadas nos móveis improvisados do casebre onde vive sozinho. Tudo no lugar. A organização mostra que Josimar é um dos trabalhadores que buscam a invasão como alternativa de sobrevivência. É impossível imaginar que ele possa estar ali para especular.

## PERIGO RONDA SAMAMBAIA

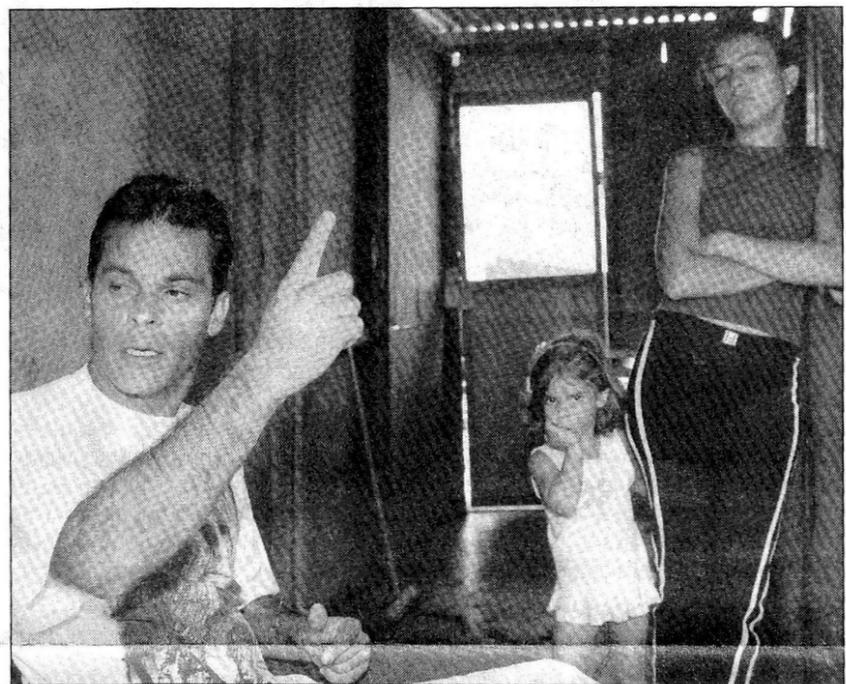
*Polícia desconfia que muitos barracos da quadra 519 servem de ponto de distribuição de drogas*

Mas muita gente na vizinhança tem outras intenções. A invasão nasceu entre o final do ano passado e início desse.

"Tem uns 340 barracos. Hoje é o lugar mais perigoso de Samambaia", afirma o cabo Cláudio Ribeiro, que constantemente faz ronda no local. "Uns 70% dos barracos estão ocupados, uns 30% estão vazios e servem como ponto de tráfico de drogas", diz o soldado Maurício Moreira.

A invasão da quadra 519 localiza-se próxima à margem da BR-060, que vai para Goiânia. Os dois policiais militares contam que ontem mesmo foram presos dois homens que saíram dos barracos para fazer um assalto em um ônibus que passava na rodovia. Houve troca de tiros. "Aqui é esconderijo. Quando os bandidos entram aqui, ninguém acha. Impera a lei do silêncio. Ninguém sabe, ninguém viu. As pessoas têm medo de denunciá-los."

Nas quadras vizinhas, as pes-



Ederson Pereira mudou-se para a Estrutural atraído pela vitória de Joaquim Roriz

soas também respeitam a lei da favela. Falam. Mas não se identificam. "Um dos grandes problemas da invasão são as gambiarras. Eles puxam fios dos postes e prejudicam o fornecimento de energia. Todos os dias falta luz. Não demora muito a retornar, mas falta frequentemente. Os fios chegam a pegar fogo", diz uma mulher.

Ela comenta que grande parte dos moradores de barracos está ali para especular. "Sou de uma pastoral religiosa que dá cestas básicas a pessoas carentes. Entre nossos assistidos há pessoas que deixaram suas casas para vir morar em barracos. Alguns mentem descaradamente. Tenho amigos de filhos meus que estão na invasão, com a esperança de conseguir um lote. Têm casa, mas querem o lote para vender. É uma pouca vergonha"

## PARTICULAR CUIDA DO LOTE

*Donos de terrenos invadidos ficam atentos aos invasores e demolem rapidamente os barracos*

A mesma coisa se repete em vários pontos da cidade. Até no Plano Piloto. Focos de barracos viraram invasões no Setor de Abastecimento e Armazenamento Norte (SAAN). No dia 26 de maio, o SivSolo demoliu 25 barracos atrás do Carrefour. Mas ainda restam muitos. Espalhados na quadra 1, próximo à agência dos Correios e Telégrafos e na quadra 3, próximo à Perdígão. São aproximadamente 400 barracos.

Na invasão do setor de abaste-

crianças desnutridas, barrigas grandes, correndo descalças, com o corpo e cabelos da cor avermelhada da terra. Repete-se a mesma luta pela vida. E os mesmos problemas marginais. "Há grupos de meninos armados, 13, 16 anos de idade, acompanhados por adultos", diz o empregado de uma empresa, que não se identifica.

Os barracos se amontoam em áreas privadas e públicas. Mas lote particular é mais difícil de invadir. O dono cuida. "Alguns proprietários moram em São Paulo. Os que moram aqui pedem que a gente avise quando a invasão inicia. A gente avisa e eles vem e derrubam. É. Se deixar juntar 10 ou 15, nunca mais tira", afirma uma mulher empregada nas redondezas.

Um projeto de lei foi aprovado na Câmara Legislativa para regularizar invasões em Samambaia. O governador Joaquim Roriz vetou. Um dos principais redutos de invasores, que esperavam na lei sua salvação, ainda resistem na quadra 601. A vizinhança insinua que os moradores de dez barracos de alvenaria que sobraram depois de muitas derrubadas têm proteção política. A confiança é tanta que desdenham: "Não perturbe!" diz o aviso escrito na parede de